



Universidad de Salamanca

V Coloquio Internacional de Ciencias de la Documentación



«Sociedad de la Información e Información para la Sociedad»

Salamanca, 4 y 5 de noviembre de 2004

PERSPECTIVAS DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO NO MERCOSUL

Emir José Suaiden
Presidente da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal
Departamento de Ciência da Informação e Documentação
Universidade de Brasília
emir@fap.df.gov.br

1. Introdução

A implantação da sociedade da informação no Mercosul é um tema atual e cada vez mais discutido na estrutura governamental e nos eventos científicos. A pergunta mais discutida é a seguinte: é possível estabelecer em médio prazo a sociedade da informação na região? Para responder a essa pergunta é de suma importância analisar as estruturas educacional, econômica e social do Mercosul e ao mesmo tempo compará-las com as exigências da própria sociedade da informação.

A sociedade da informação traz no seu bojo os mesmos indicadores das sociedades anteriores, tais como, poder aquisitivo, nível educacional e linguagem, e a grande exigência é o acesso à informação seja bibliográfica ou virtual. Quando se analisam as estruturas informacionais verifica-se que elas são deficientes porque, com exceção de Brasil e Argentina, não existe uma indústria editorial forte e conseqüentemente um público leitor adequado o que torna deficiente a formação de conteúdos para a sociedade da informação. Quando um país em desenvolvimento importa muitos conteúdos, e não tem conteúdos próprios, é quase uma declaração que ele continuará a ser dominado e não terá uma produção científica e tecnológica adequadas ao processo de desenvolvimento.

A estrutura educacional existente na região ainda é muito precária e tem alto índice de analfabetismo, desnutrição infantil e desemprego. Em muitas regiões a grande motivação para o aluno freqüentar a escola é a merenda escolar e não o sistema educacional. São poucas as escolas com bibliotecas e em algumas escolas ainda se encontra o professor leigo. Quando

há biblioteca o acervo geralmente é composto de livros didáticos e de referência, são poucos os títulos representativos de literatura infantil e juvenil. A pesquisa é sempre o lado mais abandonado do sistema educacional, pois na prática ela se baseia na cópia de dicionários e enciclopédias. Quando existe computador a pesquisa é realizada copiando textos da Internet. Os conteúdos programáticos dos cursos são baseados muitas vezes em apostilas e livros desatualizados. Os professores geralmente são mal remunerados e com baixa auto estima que acaba sendo transferida para os alunos. Geralmente não existe a coordenação pedagógica, e a falta de dialogo entre os professores inviabiliza a questão da interdisciplinaridade. Nos últimos anos a violência tem crescido assustadoramente nas escolas, já há registro apontando alunos armados no recinto escolar e agressão aos professores. Os alunos com melhor poder aquisitivo abandonam a escola pública e passam a utilizar a escola privada. A formação dos professores é precária, geralmente não há programas de capacitação adequados. Os indicadores do fracasso escolar são a falta de capacitação do professor, pois em algumas regiões os professores são leigos, ha falta de infra-estrutura de laboratório, biblioteca escolar e conteúdos didáticos inadequados para a região. Esses problemas acabam afetando o aprendizado do aluno que muitas vezes não consegue interpretar um texto mínimo e não consegue se organizar intelectualmente para entender matemática e álgebra.

Numa rápida análise sobre a situação econômica é possível verificar que tem aumentado, especialmente nos últimos anos, a desigualdade, pois a riqueza é concentrada numa minoria da população. Estudos recentes comprovam que parte expressiva da população que pertencia à classe média hoje faz parte da classe pobre, pois há um declínio cada vez maior das classes sociais. O alto índice de desemprego estimula o mercado informal onde muitas vezes a mercadoria dominante é a pirataria com total desrespeito a produção intelectual e a falta de ética relacionada com os direitos autorais.

Na verdade a informação ainda não é visível para grande parte da população do Mercosul. Não houve uma cultura informacional que pudesse criar visibilidade. Muitas gerações se formaram sem ter a compreensão do que significa ter acesso a bibliotecas escolares, bibliotecas públicas e bibliotecas infanto-juvenis. Essas instituições foram vistas como instituições elitizadas e adequada para uma cultura erudita.

Portanto, ainda hoje a informação que circula é informação oral que é obtida informalmente na igreja e na escola. Tanta informalidade leva o indivíduo a se acostumar também com a educação informal e posteriormente o

trabalho informal que são temas totalmente incompatíveis com a filosofia da sociedade da informação.

Na medida em que não existe na região uma política de informação que privilegie a inclusão social, esse papel terá que ser realizado pelo profissional da informação. A criatividade para romper as barreiras existentes é essencial. Muitas vezes a biblioteca tem que deixar de ser tudo para todos e segmentar a comunidade. A segmentação é menos democrática, mas é mais eficiente, pois a biblioteca não é unidade orçamentária e não tem como atender as necessidades informacionais de toda comunidade, portanto na área informacional a comunidade é extremamente heterogênea. Trabalhando com grupos homogêneos e dentro de uma perspectiva de racionalização e coerência a biblioteca poderá transformar a qualidade de vida da comunidade disseminando informação adequada com a rapidez que os tempos modernos exigem. Esse trabalho deve partir de um diagnóstico bem elaborado sobre as necessidades informacionais para em seguida, com o auxílio de técnicas de tomada de decisão, elaborar um planejamento estratégico compatível com a realidade local. Somente assim grande parte da comunidade do mercosul será incluída na sociedade da informação.

2. Inclusão digital para possibilitar a inclusão social

O mapa da exclusão digital no Mercosul ocupa um vasto espaço geográfico. No caso brasileiro, por exemplo, as regiões norte e nordeste são as mais atingidas pelos pontos escuros do mapa. Quanto mais atrasada é a região, do ponto de vista econômico, social e educacional maiores são os índices de atraso tecnológico cujos indicadores são: uso da Internet, media de computadores por usuários e acesso as novas tecnologias. Em certas regiões um percentual grande da população jamais chegou a ver um computador, o que cria um grande obstáculo entre a maquina e o homem.

A revolução tecnológica assinala um novo marco na história do desenvolvimento. Ela colabora para romper uma série de paradigmas e trazem no seu bojo duas questões fundamentais: mudança e inovação. A questão da mudança esta muito relacionada com os novos paradigmas e as pessoas que não estão preparadas para essas mudanças passam automaticamente a aumentar o percentual de excluídos. Só é possível mudar com consciência critica, própria das pessoas com hábito de leitura e hábito de utilização da informação, o que denota um alto de nível educacional. As organizações têm que mudar para se tornarem mais competitivas e só conseguem se agregarem um valor chamado inovação. A inovação é que produz novos nichos de

mercado e fortalece a construção da sociedade da informação. Mudança e inovação também conduzem a geração de emprego e renda. Mas a revolução tecnológica também produz seu mapa de exclusão na medida que as pessoas não estão capacitadas ela cria os *robots* que acabam substituindo o homem e valorizando a máquina.

Nessa batalha homem versus máquina, não devemos esquecer jamais que a máquina foi criada pelo homem e será sempre uma ferramenta importante em favor da melhoria da qualidade de vida, mas que jamais substituirá o homem. No entanto o homem excluído da sociedade da informação é uma pessoa com baixa estima, de olhar cabisbaixo, pouco criativo e extremamente dependente. Para complicar ainda mais o problema, ele não tem noção de cidadania e geralmente é explorado pela hegemonia reinante. A sua comunidade é dominada pela desinformação, ou seja, a informação é manipulada e ele não tem capacidade criativa para tomar decisão.

Para combater esse processo de desinformação e manipulação da informação, a revolução tecnológica pode ser um grande indicador. Ocorre que no mapa da exclusão do Mercosul um grande percentual da população além de não ter acesso à tecnologia nunca viu um computador. Para essas pessoas o acesso e a compreensão devem ser realizados através de metodologias adequadas de mediação da informação que se inicia pelo processo de alfabetização da informação.

Os índices de violência e falta de segurança no Mercosul são cada vez maiores e refletem a desigualdade existente na região. As instituições que teoricamente deveriam facilitar o acesso à sociedade da informação, como a biblioteca e o sistema educacional, por uma série de fatores não conseguem atingir o referido objetivo. Nessa estrutura o papel social do profissional da informação passa a ser de extraordinária importância, desde que se corrijam alguns vícios existentes na própria formação educacional, pois até hoje a maioria das escolas de biblioteconomia e ciência da informação existentes na região não privilegia nem a mediação da informação e muito menos a formação de um profissional que seja realmente um propagador de uma política de leitura e de hábitos de utilização da informação.

Para romper as barreiras acima apontadas criamos a linha de pesquisa em ciência da informação denominada dimensão humana da informação.

A DIMENSÃO HUMANA DA INFORMAÇÃO E A INCLUSÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Durante mais de uma década e contando com o apoio decisivo da Universidade de Brasília - UnB e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, realizamos investigação sobre o comportamento das populações marginalizadas em relação ao acesso ao livro, a biblioteca e a informação. Essas palavras chaves – livro, biblioteca e informação – estão muito distantes da realidade local e não são visíveis para grande parte da comunidade.

Alem da invisibilidade, essas palavras chaves não provocam nenhum impacto social nas organizações que teoricamente teriam que atuar como propagadores e multiplicadores de uma política educacional, cultural e social como a Prefeitura e o sistema educacional. A maior prova disso é a constante falta de orçamento nas atividades de disseminação da informação.

Mesmo contando com todas essas dificuldades iniciamos na década de 90, investigação com metodologia adequada para comprovar principalmente que para as populações marginalizadas o acesso não é tão importante quanto a compreensão. Na medida que o projeto foi se desenvolvendo as dificuldades aumentaram, pois comprovamos que biblioteca e informação não são prioridades da Escola. Os diretores das unidades de ensino tiveram dificuldades em perceber que o fracasso escolar – representado pela evasão, repetência e formação educacional inadequada – é o maior indicador da falta da disseminação adequada da informação.

Depois de sensibilizar a direção iniciamos a montagem da biblioteca e a desilusão com o acervo foi muito grande pois era composta de poucas obras de referencia e muitos livros didáticos totalmente desatualizados. Investimos os poucos recursos existentes na formação de um acervo composto de literatura infantil e juvenil, pois a filosofia do projeto era da formação de leitores críticos e não leitores passivos que constroem suas menções baseado na cópia do livro didático.

O uso indiscriminado do livro didático formou uma geração baseada na cópia e que não sabe interpretar o texto lido. O livro de literatura infantil representa uma atração maior e a iniciação do estudante nesse tipo de literatura deve ser através da hora do conto, onde o especialista em leitura promove as motivações necessárias para a iniciação à leitura literária.

Na avaliação do projeto podemos constatar que esse tipo de acesso à biblioteca é de fundamental importância para a formação de um público leitor

e conseqüentemente um caminho viável de inclusão na sociedade da informação. Esse projeto foi desenvolvido em Samambaia, cidade satélite de Brasília que abriga milhares de pessoas carentes.

Após a revolução tecnológica passamos a investigar as causas que impediam que um grande percentual da população estivesse excluída digitalmente e desenvolvemos metodologia de mediação da informação aliada a metodologia etnográfica para possibilitar a compreensão do problema e traçar um planejamento estratégico adequado que possibilitasse a efetiva inclusão digital.

O objetivo maior é construir um modelo de inclusão social, a partir de uma ação de inclusão digital, baseado na mediação da informação, mediação essa, aqui compreendida em sua relação mais estreita com a disseminação, transferência e transformação da informação em conhecimento e, principalmente, como apoio pedagógico no processo ensino/aprendizagem, capaz de criar um sistema de indicadores que meça o impacto das novas tecnologias na formação do cidadão, aplicado em escolas públicas de ensino médio e fundamental de comunidades de baixa renda. Os específicos foram:

- Identificar na atuação do profissional da informação que atende à escola, especialmente o bibliotecário, quais os momentos e em que medida a mediação da informação se faz presente e determinante daquela atividade;
- Criar indicadores que contribuam para a medição dos impactos sociais provocados pelas novas tecnologias de informação e de comunicação no processo ensino/ aprendizado e na formação do aluno;
- Consolidar um modelo de mediação como apoio às atividades pedagógicas;
- Capacitar os participantes da pesquisa no uso básico das TICs, iniciando pelos professores;
- Propor mecanismos de acesso adequado à informação e as TICs;
- Alfabetizar, em informação, o grupo experimental da pesquisa; e
- Desenvolver mecanismos tecnológicos e pedagógicos, que possibilitem a multiplicação da experiência.

Na década de 90, com o surgimento da sociedade da informação, os países em desenvolvimento passaram a encontrar muitas barreiras para a implantação da referida sociedade. Diferentemente dos países considerados desenvolvidos, onde parte preponderante da população tem o hábito de leitura e onde a indústria editorial é forte, os países em desenvolvimento passaram a

enfrentar os problemas provenientes da exclusão social cujas marcas mais profundas são o analfabetismo, a desnutrição infantil, o letramento e a violência.

Em um modelo de desenvolvimento marcado pelas desigualdades fica claro que a revolução tecnológica poderá agravar ainda mais a exclusão social se não for adequadamente conduzida. Enviar computadores para as populações marginalizadas, sem uma proposta adequada de mediação da informação, com certeza não contribuirá efetivamente para a inclusão de cidadãos na sociedade da informação, nem para a diminuição dos índices de repetência, evasão e fracasso escolar presentes de maneira preponderante na realidade educacional brasileira.

O projeto Escola Digital Integrada é resultado do amadurecimento de mais de 10 anos de pesquisa, apoiada pelo CNPq e pela UnB, na integração da dimensão humana e tecnológica da informação. Essas pesquisas inicialmente tratavam da inclusão social através da leitura. Comprovaram que o acesso não é tão importante quanto à compreensão, ou seja, não é suficiente enviar livros para as escolas, ou implantar bibliotecas que nada significam para as comunidades onde estão inseridas, especialmente quando se trata de populações carentes, pois a informação que circula basicamente é a informação oral. Onde não há uma tradição cultural de leitura a introdução do livro deve ser realizada através de profissionais especializados na mediação da leitura. Da mesma forma a inclusão digital só será possível com a mediação da informação que possibilita a implementação de metodologias adequadas, que produzem indicadores de impacto social e que agregam valor à informação, transformando-a em conhecimento.

Como parte do processo de pesquisa, foi implantada uma experiência piloto da Escola Digital Integrada no Centro Educacional Gisno, uma escola da rede oficial de ensino do Distrito Federal que congrega moradores de 17 regiões administrativas do DF, atende 2.780 alunos, conta com 150 professores e 30 funcionários. A primeira ação nessa etapa da pesquisa priorizou a sensibilização da diretoria e corpo docente. Foi demonstrado que nessa nova sociedade é fundamental preparar conteúdos adequados e interdisciplinares e para isso as novas tecnologias aliadas à investigação bibliográfica são preponderantes na disseminação da informação e do conhecimento. A nova era exige um novo modelo de pesquisa. Já não podemos aceitar os modelos tradicionais de cópias de dicionários e enciclopédias, prática comum no meio estudantil, muito menos os famosos corte cola, já presentes na pesquisa virtual, dos próprios textos da Internet.

Esse trabalho que inicialmente foi desenvolvido em escola urbana, hoje, em parceria com a Embrapa Informação Tecnológica, Ministério das Comunicações/ Programa GESAC, Instituto de Tecnologia da Informação da Presidência da República e Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico do Distrito Federal, chega ao campo e aos Centros Comunitários Rurais. A Escola Digital Integrada para Educação da Família Rural, soma a todo trabalho de mediação, os conteúdos técnicos da Embrapa, voltados para a comunidade que atende a um programa de rádio para levar a informação aonde o radinho de pilha é a única tecnologia disponível.

Após um ano de implantação do projeto já podemos comprovar cientificamente a importância de trabalhar com metodologias adequadas associadas ao processo de alfabetização da informação na disseminação do conhecimento. Informação e conhecimento são vitais para a construção de uma nova sociedade e comprovam que a melhor forma de combater as desigualdades é possibilitar a efetiva inclusão de todo cidadão na sociedade da informação.

Os resultados comprovam que o profissional da informação atuando como mediador representa um filtro na consolidação de uma política informacional e acima de tudo da democratização do acesso à informação.

❖ CONSIDERAÇÕES FINAIS

O índice de desenvolvimento humano do mercosul é o grande indicador dos problemas de desigualdades sociais que impera na região. A renda per capita é uma das mais baixas, juntamente com o nível de escolaridade o que provoca uma expectativa de vida reduzida se comparada a outros países. Muitos problemas que foram superados há muito tempo pelos países desenvolvidos continuam existindo na região tais como, o analfabetismo, a desnutrição infantil, e as altas taxas de desemprego.

Nesse clima reinante o acesso a educação e a cultura passam a ser elitizado, ou seja, somente família com poder aquisitivo consegue colocar os filhos nas melhores escolas que geralmente são particulares.

Os que não tem acesso a esses bens passam a contestar a falta de oportunidades e por isso aumentam os movimentos contestatórios que são denominados: sem terra, sem moradia, sem instrução, etc. Além de gerar violência e insegurança a sociedade fica cada vez mais dividida: uns defendem a reforma agrária e denominam ocupação de terra, outros a criticam e denominam invasão de terra. Mesmo quando os colonos recebem terras do

governo a exclusão social permanece, pois geralmente nas terras doadas não há programas educacionais e de acesso à informação.

O discurso dos governantes da região, principalmente nas aberturas das grandes feiras de livros, é sempre o mesmo, ou seja, apoio total para a formação de um público leitor. Meros discursos demagógicos, pois a maioria das bibliotecas não tem orçamento nem pessoal especializado.

Quando uma sociedade não tem espírito crítico para se rebelar contra a falta de estruturas informacionais e quando o governo não viabiliza uma política informacional, só resta o apoio decisivo dos profissionais da informação para mudar a situação existente.

Assim sendo, surge a necessidade premente de atualizar os currículos de formação dos profissionais da informação. Temas como: inclusão na sociedade da informação, formação de um público leitor, elaboração de projetos para captação de recursos informacionais, segmentação informacional da comunidade, mediação da informação, estudos de comunidades, estudos de usuários e não usuários, alfabetização em informação e alfabetização digital são imprescindíveis na sociedade da informação.

O trabalho com comunidades marginalizadas exige muito esforço, compreensão, liderança e a utilização de metodologias adequadas. O profissional da informação deve encarar esse tipo de trabalho como um desafio e principalmente como um resgate da sua dívida social.

Partes preponderantes das populações marginalizadas não tiveram acesso ao livro e muitos questionam perguntando: para que serve o livro? Para que serve a informação? Para que serve a biblioteca? É realmente um desabafo para quem nunca foi incluído no processo educacional e cultural. As respostas a essas perguntas virão do profissional da informação ao comprovar que através da disseminação coerente da informação é possível resolver os grandes problemas das populações marginalizadas tais como o desemprego e o baixo nível educacional.

A explicação para a falta de leitores segundo os sociólogos da região é que passamos rapidamente de uma cultura oral para uma cultura audiovisual.

O momento é muito oportuno para o profissional da informação, pois ele trabalhando como mediador de uma política informacional, poderá se utilizar do acesso às fontes informacionais, portanto bibliográficas, e o acesso as informações virtuais. O mundo virtual exerce uma maior motivação para o jovem e adolescente. É um mundo de imagens, de sons, de construção e de conteúdos compartilhados.

Isso não quer dizer que perdemos a batalha para a formação de um público leitor no Mercosul. Pelo contrário, cada vez se comprova mais, que algumas experiências na região, de inclusão digital para inclusão social, tem sido fundamental para a formação de uma geração mais critica e comprometida com o fim das desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. OLIVEIRA, Cecilia Leite. A revolução tecnológica e a dimensão humana da informação: a construção de um modelo de mediação. 2003. Tese de doutorado (Departamento de Ciência da Informação) Universidade de Brasília.
2. SUAIDEN, E.J. Leitor: o arquiteto da reconstrução social. Páginas arquivos & Bibliotecas. Lisboa, Biblioteca Nacional, v.13, p.177-185. 2004.
3. SUAIDEN, E.J. The social impact of public libraries. London, Library Review: v.52, n.8, p.379-387. 2003.
4. SUAIDEN, E.J. El impacto social de las bibliotecas publicas. Revista de Biblioteconomia y Documentacion. Murcia, v.5, p.333-344, 2002.
5. SUAIDEN, E.J.; Tarapanoff, K.; Oliveira, C. Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação. Datagramazero Revista de Ciência da Informação. Rio de Janeiro, v.3, n.5, 2002.
6. SUAIDEN, E.J. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. Ciência da Informação, Brasília, DF. V.20, n.2, p.52-60, 2000.
7. SUAIDEN, E.J. Biblioteca pública e informação à comunidade. São Paulo, Editora Global. 112 p.